



ARTIGO

Lula é refém da própria narrativa

GABRIEL
GUIMARÃES



Os principais ativos de um político são o uso da palavra e a capacidade de construir narrativas. Lula é um desses personagens que constroem narrativas cuja centralidade está em apresentar seus feitos como extraordinários e em minimizar seus erros. Durante boa parte de sua trajetória, ele sempre usou as palavras como uma espécie de expressão emancipatória do povo. Seus discursos buscavam dar esperança e perspectiva de um futuro que, em certa medida, foi entregue ao longo de suas duas primeiras gestões.

Os dois primeiros governos de Lula mudaram a face do Brasil. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) realizado por Marcelo Neri mostra que, entre 2002 e 2010, houve queda de 50,64% na pobreza do país. Ele expandiu o ensino superior brasileiro, que, de acordo com o Inep, tinha pouco mais de 3,5 milhões de alunos em 2003, para, ao fim do governo, mais de 6,4 milhões de alunos.

Entretanto, em seu terceiro mandato, Lula se tornou prisioneiro de suas próprias palavras e de sua própria narrativa. O governo federal hoje é refém de duas circunstâncias criadas por suas próprias ações: uma que gera impactos positivos, mas de forma passageira, e outra que

pode gerar prejuízos em médio e longo prazo. A primeira é seu discurso contrário ao governo Bolsonaro. O contraste se dá a partir da retomada de políticas públicas encerradas pelo ex-presidente e por uma espécie de retorno aos “tempos normais” na política institucional.

Presidente não consegue projetar o futuro que suas palavras prometeram desde a saída do cárcere

Essa avaliação negativa subiu de 20% para 29% no mesmo período. Isso evidencia que o discurso de contraste com o bolsonarismo não sustenta a boa avaliação do presidente.

A segunda circunstância de que o governo é refém é justamente a sua dificuldade de projeção no futuro. À medida que usa apenas o passado como referência — o caos bolsonarista e os anos dourados lulistas —, Lula não consegue projetar o amanhã que suas palavras prometeram desde a saída do cárcere.

No Legislativo, o governo não obteve vitória em nenhum projeto relevante. Em virtude da debilidade da coalizão minoritária que Lula formou, o governo depende da benevolência de

Arthur Lira. Além disso, o presidente tem em seu ministério partidos que se dizem independentes e não parece ter sucesso em conquistar novos apoiadores. Ainda na arena política, a expectativa de uma CPMI sobre os atos terroristas do dia 8 de janeiro contraria a vontade inicial do governo, que trabalhava contra a investigação no âmbito parlamentar.

Na economia, o cenário é igualmente confuso. A apresentação do novo arcabouço fiscal se deu em meio a diversas disputas internas em torno do conteúdo dado pelo Ministério da Fazenda. Haddad, que deveria ser um ministro empoderado, é alvo de aliados do presidente — por não ter posições muito à esquerda e por ser um possível nome para a sucessão de 2026 — e de opositores bolsonaristas — por representar Lula desde 2018.

As palavras sempre serviram a Lula como um instrumento importante de projeção do futuro. Agora, essas mesmas palavras aprisionam seu governo e mostram a centralidade de seus erros políticos. Lula foi eleito em meio a um grave quadro de crise institucional e tem uma missão difícil pela frente. Porém suas palavras demonstram um governo em que o presente é nebuloso e o futuro uma grande interrogação.



Gabriel Guimarães, cientista político formado pela FGV/CPDOC, é mestre e doutorando em ciência política no Iesp-Uerj